

MARIA LACERDA DE MOURA E O ANARQUISMO

Miriam L. Moreira Leite

Os trabalhos que têm surgido a partir da década de setenta, nas áreas de Sociologia, História e Política, costumam incluir Maria Lacerda de Moura entre os anarquistas que atuaram em São Paulo e Rio de Janeiro, na segunda e terceira décadas do século XX.

Maria Lacerda de Moura negou tanto essa, como todas as outras rotulações sob as quais quiseram apresentá-la -- de feminista, sargento reformista, neo-maltusiana, comunista e sexóloga. Atribuía esses malentendidos ao desconhecimento de sua obra e a uma polarização que provocava onde quer que aparecesse: "E não há meio termo: ou o entusiasmo incondicional ou a agressão incondicional. E a calúnia" ("Lacerda de Moura, 1932, p.16). Considerava-se uma individualista, adepta da "suprema resistência" e da "não-violência", na linha espiritualista de Cristo, Tolstói e Gandhi. É verdade que em contradição com a recusa de participar de partidos ou estabelecer programas, acabou delimitando um, ainda que por negação, em 1935:

"Abster-se de toda função pública de ordem administrativa, judiciária, militar; não ser prefeito, juiz, polícia, oficial, político ou carrasco. Não aceitar funções que possam prejudicar a terceiros. Não ser banqueiro, intermediário em negócios, explorador de mulheres, advogado, explorador de operários. Não ser operário de fábrica de munições ou armas de guerra, não ser operário de jornais clericais ou fascistas. Recusar ser instrumento de iniquidades. Sacrificar o corpo, se for preciso - do número de coisas indiferentes para o estóico - a fim de não sacrificar a razão, a liberdade interior ou a consciência.

"Não denunciar, não julgar, não reconhecer nenhum ídolo - nem reacionário, nem revolucionário. Não matar. Resistência ativa, ação direta, a nova tática revolucionária de suprema resistência ao mal, a não-violência." (Lacerda de Moura, 1935, pp. 202-203).

A confluência de convicções espiritualistas, com participação maçônica e práticas esotéricas, ocorreu entre anarquistas de diversas tendências, como no caso conhecido de José Otitica, que foi grão-mestre da Fraternidade Rosa Cruz. Não seria esse o aspecto que a distanciaria deles.

Aliada a algumas atividades culturais e políticas, apreciadora das idéias anarquistas, Maria Lacerda manteve, contudo, uma distância sublinhada por duas polêmicas, em 1923 e em 1935.

A primeira ocorreu como resultado da conferência Conformados e Rebeldes, que ela pronunciou em 25 de agosto de 1923, em festival de A Plebe, organizado pela União de Artífices em Calçados. Para um público de anarquistas, revoltado com as violentas perseguições movidas na União Soviética aos dissidentes do Comitê Central e pelas deserções em suas linhas em decorrência da fundação do Partido Comunista, Maria Lacerda discorreu sobre a obra educacional do ministro Lunacharsky.

Uma série de artigos em A Plebe (4/8/1923; 4/9/23; 27/9/1923 e 10/10 1923) discute a atitude independente da conferencista com surpreendente deferência e tenta explicar aos leitores o sentido daquela apresentação extemporânea. A conferencista teria querido demonstrar pesar pelo dispêndio de energia dos companheiros, em discussões estêreis e prejudiciais. Apesar de ponderada, a reação não se fez esperar. Começaram a rrear os convites e as atuações conjuntas e somente dez anos depois, em 1933, é que Maria Lacerda voltaria a aliar-se aos anarquistas na campanha contra a guerra e na Liga Anticlerical.

A segunda polêmica se deu em consequência da publicação do livro anti fascista: Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital, diante da declaração de Maria Lacerda de que além de Cristo não conhecia outros anarquistas. Foi novamente em A Plebe, agora em Nova fase, que Osvaldo Salgueiro e Pedro Cátalo (19/9/1935 e 12/10 1935) passaram a criticá-la, da prolixidade à inconsistência teórica e política, sublinhando as imprecisões e contradições de seus escritos e de sua atuação. Interpelaram novamente a escritora a respeito do apoio implícito à União Soviética, que manifestara na conferência de 1923. Questionaram suas preocupações espiritualistas e o interesse pelas ciências ocultas, as ligações com a Fraternidade Rosa Cruz e com o Círculo Esotérico de Comunhão do Pensamento.

Afirmando, embora, que Maria Lacerda de Moura não era uma adversária dos anarquistas, negam-lhe "carta de alforria para poder dizer de nós os disparates que se lêem em seu último livro. Maior, muito maior obra fizeram os anarquistas desde há um século para cá, e entretanto, Maria Lacerda de Moura, por um milagre do tinteiro, baniu-os da superfície da terra (...). Já se falou muito mal dos anarquistas, porém, uma aberração tamanha não havia saído de nenhum cérebro sensato. Foi Maria Lacerda de Moura quem teve a idéia infeliz e irrefletida de fazer passar pelo prelo a idéia absurda de que o anarquismo é um postulado para burgueses. Isso não é mais do que uma fórmula desleigante de repetir os insultos proverbiais que os comunistas proferem contra nós, chamando-nos de traidores, policiais e contra-revolucionários."

Acrescente-se que Edgard Leuenroth, que teve a colaboração da jornalista tanto em A Plebe, quanto em A Lanterna, ao escrever em 1953 seu livro Anarquismo: Roteiro de Libertação Social (Antologia de doutrina - Crítica - História - Informações) não menciona qualquer dos livros ou conferências de Maria Lacerda de Moura.

A exclusão, portanto, foi feita de parte a parte.

Estabelecidas as divergências declaradas, é preciso convir que as convergências são inúmeras, e entre elas se contam: o discurso panfletário, uma forte tendência antiliterária e a preocupação permanente com a missão educativa.

A obra explosiva e polêmica de Maria Lacerda de Moura tem um teor doutrinário e pretende ora explícita, ora implicitamente, desmistificar diversos níveis da realidade, para conduzir a um mundo melhor. Isso é feito sem comedimento, oscilando entre frases elaboradas e figurativas e um discurso substantivo, quase sempre em tom retórico, mais para ser dito que para ser lido. O tom oratório de artigos e conferências transfere-se para os livros e acentua a disposição didática e empenhada. Esse didatismo conteve sempre uma paixão acentuada que se exprime pela eloquência e os tons carregados.

Baste, para comprovar esta caracterização, enunciar alguns títulos do livro de Maria Lacerda de Moura: A Mulher é uma Degenerada?, Religião do Amor e da Beleza, Civilização - tronco de escravos. Amai e... não vos multipliqueis, Serviço Militar Obrigatório para a Mulher - Recuso-me! Denuncio! e compara-los a um artigo de Isabel Silva, a respeito da Autora:

"D. Maria Lacerda de Moura fazia longa e franca propaganda de sufrágio feminino. E eu, como mulher, combatia essa campanha, pois aspiro à minha integralização nos direitos sociais, mas a quero completa e de fato (...). D. Maria Lacerda analisou os característicos da mulher burguesa, da média burguesia e da proletária, terminando numa apoteose ao delicado problema da emancipação feminina de acordo com os mais altos ideais humanos (...). É que ela se havia feito oradora culta e excelente, na contemplação da tragédia social para, obedecendo a um impulso d'alma generosa, desistindo dos louvores e incenso da aristocracia, vir comungar o seu pensamento no seio dos humildes, onde não existe exageração de gestos louvaminheiros, mas de onde transuda a perfeita sinceridade, leal e carinhosa camaradagem e a exata compreensão pelo que a vida tem de sério, de grave e de meditativo." (A Plebe 27/9/1923).

Composta de emoções fortes e desencadeadas, que se exprimem às vezes por estrilhos, e outras por citações ou sinônimos em cascata, a rebeldia de Maria Lacerda de Moura exprimiu-se através de um estilo panfletário, onde a ponderação e a busca de precisão cedem lugar a construções sonoras, de efeito retórico e contundente. O vigor, a insistência e a eloquência exprimem a consciência política e o impulso de participação social. Lança manifestos, não se propõe a análises comedidas.

A argumentação que utiliza é persuasiva, embora nem sempre convincente. A indignação expressa em superlativos e construções hiperbólicas não basta para definir e analisar o objeto da mensagem, ainda que deixe claro o engajamento e a recusa à alienação.

É o teor deste trecho de Lições de Pedagogia (1925):

"Guerra ao analfabetismo, sim, porém, guerra sem treguas à ignorância presumida, à tibieza de caráter, ao orgulho tolo, à vaidade vulgar, à pretensão, à ambição pessoal, ao egoísmo sordido, à intolerância, ao sectarismo absorvente, aos preconceitos de uma civilização que desmorona, em suma: guerra à mediocridade, à vulgaridade e à propetência assegurada pela autoridade do diploma, do bacharelato incompetente, nulo e jactancioso" (Lacerda de Moura, 1925, p. 76).

Essas características de seu estilo podem ser encontradas em muitos

dos anarquistas brasileiros, e foi essa semelhança de forma que me levou a considerá-lo como a forma de expressão da rebeldia, que a fez declarar, em Renovação (1919):

"Procuro libertar-me de qualquer entrave para melhor desenvolver em mim largo ecletismo e pregar os meus ideais.

"Nunca tive a covardia de esconder o pensamento no cômico da mão em vez de deixá-lo escoar-se pela pena" (Lacerda de Moura, 1919, p. 232).

E em 1923 (A Mulher Hodierna e o seu papel na Sociedade atual e na formação da Civilização futura, p. 14):

"Cheguei à conclusão de que o meio não é a associação, não é a união das mulheres para a defesa dos seus direitos que elas confundem com velharias e cumplicidades reacionárias./ Ao falar em direitos só lhes ocorre o voto, o qual deveria ter sido reivindicado há 100 anos atrás.../ Agora, já não é mais de votos que precisa mos e sim de derrubar o sistema hipócrita, carcomido, das representações parlamentares escolhidas pelos pseudo-representantes do povo, sob a capa mentirosa do sufrágio, uma burla como todas as burlas dos nossos sistemas governamentais, uma superstição como tantas outras superstições arcaicas".

A preocupação maior das formulações concentra-se na ênfase ou no impacto do "protesto contra a mentira legalizada e social."

"Creio na influência decisiva da palavra vigorosa, do protesto enérgico, da revolta do verbo candente de indignação - arremessando dardos de fogo nas consciências adormecidas sob a influência ancestral, contra o peso hercúleo do passado" (Lacerda de Moura, 1924, p. 144).

O transbordamento emocional do estilo panfletário não transparece apenas na adjetivação. Ao grau do adjetivo, muitas vezes adverbializado, acrescenta a força do substantivo adjetivado redundantemente. Os ecos danunzianos são também romanamente voluptuosos. Esses encadeamentos são cortados muitas vezes pela intromissão do circunstancial, em elaborações enfáticas. Denunciando a cumplicidade de Gabriele D'Annunzio e Benito Mussolini, fala "nas fimbrias da sua roupagem caricatural cesariana", comentando em seguida: "Até parece que ele sabe que seu cabelo não nega" (Lacerda de Moura, 1935, p. 211).

A destruição dos dogmas que se propõe é feita a golpes de encadeamentos incisivos como "delírio erótico de crueldade", "histrião nietszchineano", "caftens da literatura", "Himalaias de infâmias", "sacrifícios ciclôpicos" e "cadáveres insetos de idéias mortas".

Muitas das expressões aparentemente mais preciosas que precisas, recorrentes em sua linguagem, podem ser encontradas em jornalistas e escritores de entre-guerras e é possível acreditar que compusessem (como é o caso das referidas polêmicas) o tom do jornalismo pré-modernista. As idéias se impunham através de polêmicas verbais, onde as expressões iam adquirindo, num crescendo, sonoridade cada vez mais acentuada, tornando-se cada vez mais incisivas, para terminar sendo contundentes.

A tendência antiliterária que se manifesta inúmeras vezes na obra de Maria Lacerda faz parte de uma atitude pragmática, comum também aos anarquistas, de se

posicionar contra toda atividade sem objetivo claro, ligada à fantasia, ao imaginário ou à pura recreação.

"Habituada a ler meditando, a pensar profundamente e que leio, a ler com o cérebro, com a razão, a ler friamente - nunca para me divertir e sempre para aprender, para aprender os segredos humanos" (Lacerda de Moura, 1931, p. 143), Maria Lacerda se insurgia contra a literatura que Afrânio Peixoto denominou de "sorriso da sociedade", desconsiderando também as necessidades de aprimoramento da linguagem para obter uma comunicação mais precisa.

"E este livro, escrito ao correr da pena, tendo algumas páginas que mal foram revistas e quase não corrigidas, é feito para aproveitar a época, às pressas, porque urge tomar outra direção.

Acho que muito devemos cuidar da língua, da forma, do estilo, porém, agora, não se trata de literatura e sim da civilização, da felicidade coletiva.

Suponho de mais importância os destinos de um povo que o apuro da linguagem" (Lacerda de Moura, 1919, p.111).

Quando escreveu o seu último livro, foi um livro didático de Português para os Cursos Comerciais (1940), em que demonstra tanto nos textos para leitura, quanto nos exercícios de composição e análise léxica e sintática, um zelo profissional e rigoroso com relação à linguagem. Reproduz um texto de José Otílica, "Estilo", que confirma preocupações com a comunicação e a expressão precisas e não advoga o fluir verbal incontrolável do jornalismo militante. Trata-se, contudo, de um instrumento de trabalho, para a formação de trabalhadores no Comércio. Os exercícios são feitos a fim de desenvolver a percepção e os textos são escolhidos pelas verdades ou lições que têm condições de transmitir.

As relações pessoais que manteve com escritores ou intelectuais estabeleceram-se sempre em função da ação - educar, criar meios de educar, campanhas anticlericais, campanhas pacifistas, campanhas antifascistas. Nessas atividades assinalou-se um encontro com Cecília Meireles e outro com Rachel de Queiroz. Ignorou os modernistas, tendo unicamente assinado com eles um telegrama de apoio à nomeação de Lúcio Costa para a diretoria da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. De seu lado, a crônica de Pagu: "Maltus Alêm" mostra claramente que esta não lera, a não ser o título dos escritos de Maria Lacerda de Moura.

A premissa de emancipar a mulher para uma participação social libertadora da humanidade, levava Maria Lacerda a clamar, na revista que criou - Renascença, - contra qualquer coisa que se desviasse da "seriedade perante a vida" que exigia dos leitores. Comentando um artigo de Domingos Ribeiro Filho, O Veneno Literário, escreveu:

"Porque a verdade é que a literatura é um veneno e o mandonismo um edema sintomático desse veneno. De inteiro acordo (...) E nós que só conhecemos o Para Todos, a Cena Muda e só nos preocupamos com os Tom Mix e congêneres Bertini e etc.com as corridas de cavalos, o "foot-ball" e o jogo do bicho - como fazer essa transição?

As revistas cinematográficas vieram concorrer mais para a deseducação e as atitudes da mulher, da brasileira pelo menos.

Dos romancinhos franceses ou das aventuras policiais a menina passou às notícias dos casamentos e divórcios de Carlitos, às fugas das provincianas se fazendo estrelas, assuntos teatrais idealizados pelos empresários ávidos de dinheiro, para atrair a atenção da imaginação rocambolesca das mulheres em geral e dos mediocres.

De sorte que a rotina, a religião apertou o cérebro feminino no círculo de ferro dos dogmas e do pecado, enfaixou a razão da mulher, conservou infantil o seu cérebro e, agora que o problema da educação vai sendo encarado seriamente pelos Binet, Claparède, Fauré, Montessori, Pizzoli, por antropologistas e psiquiatras, higienistas e sociólogos; agora que essas investigações científicas nos indicam novo rumo, positivo, racional, fugindo dos contos de fadas, das tradições com que os povos primitivos embalam a imaginação ardente das crianças pequenas e grandes; - agora nos aparece o cinematógrafo inventando outros contos de fadas ainda mais perigosos porque podem ser experimentados na tela da vida. E das leituras de Xavier de Montepin, a mulher passou à leitura de aventuras de artistas de cinema!

E que assuntos!
E nem os pais, nem as maes, ninguém lhes tente arrancar das mãos o tóxico delicioso.

Depois, todas as outras revistas, digamos a verdade, vivem de mundanismo, de elegância, chás, tangos, noivados, carnaval, modas, "interiores", lisonjas, toda da essa caravana de "sociais" crônicas de boudoir - veneno literário feminino e masculino".

Raramente se salientou que Maria Lacerda de Moura exprimia, em diversos aspectos, algumas aspirações comuns a diversas camadas urbanas, nas décadas de vinte e trinta. A crença na educação, como meio de transformar a sociedade, ligou-a aos projetos de Prolet-cultura dos anarquistas de São Paulo, como já a ligara em Barbacena a projetos nacionalistas dos Pioneiros da Educação (Sampaio Dória, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Carneiro Leão e Lourenço Filho). Essa crença era também fundamental ao ideário da Liga Nacionalista de São Paulo, inimigos declarados da "delicada ciência da panacéia anarquista" e da "anemia de prematuras propagandas pacifistas".

Evidentemente, as transformações sociais a que uns e outros aspiravam, através da educação, não se confundiam.

A opção de voltar à terra, em oposição à urbanização e ao capitalismo industrialista, constituía, também, um projeto bastante difundido e apoiado por propostas oficiais de formação de novas colônias agrícolas, que consideravam a volta ao campo uma das soluções para reduzir o exército de subempregados que circulavam pelas cidades. Maria Lacerda de Moura contrapunha a pequena propriedade autogerida, sem exploração de mão de obra, ao capitalismo industrialista, aspirando a trocas, sem dinheiro, pois considerava o capital financeiro uma das molas do comércio internacional, que conduzia às guerras.

A crença na educação, como instrumento de transformação social, embora tenha se apresentado sob quatro modalidades, foi uma constante na obra de Maria Lacerda de Moura. Era professora primária em Barbacena, Minas Gerais, formada pela escola

Normal local. Nessa função, aderiu às campanhas de alfabetização de adultos que pretendiam resolver o atraso brasileiro através da educação dos oitenta por cento da população brasileira que, na década de 20, não tinham sequer acesso a uma alfabetização rudimentar.

Ao se mudar para São Paulo, em 1921, voltou-se contra as iniciativas oficiais, inclusive o ensino e tentou outras alternativas educacionais, ligadas a movimentos sociais: feministas, anarquistas e comunistas.

Durante algum tempo, foi presidente da Federação Internacional Feminina e tentou articular as mulheres de Santos e São Paulo num movimento de emancipação que ultrapassasse os objetivos eleitorais do movimento sufragista, de Bertha Lutz. Verificara que as mulheres são se libertariam de uma condição subalterna pela educação, pelo trabalho e por esforços pessoais e, nessa condição, fez-se pioneira dos estudos sobre a mulher, ao propor, nos estatutos da Federação, a luta pela criação de uma cadeira de História da Mulher (evolução e missão social) em todas as escolas femininas (Carneiro Leão, A., 1922, 171-174).

Partindo de leituras e reflexões sobre a condição feminina na família, na educação e no trabalho, passou a combater outras formas de autoritarismo, na esfera do pequeno grupo e na esfera privada, como combateu na esfera pública, com relação ao poder político e econômico.

A educação ativa, que propunha e praticava no período de 1921 a 1935, apoiava-se nos modelos científicos da Escola Nova e propunha, como objetivos, os da Escola Moderna Racionalista de Francisco Ferrer. Entre os livros didáticos que escreveu e planejou constam desde uma cartilha de ensino ativo a uma Antologia Rebelde (fôlêgio contendo trechos escolhidos de autores revolucionários).

As conferências, os prefácios e os artigos eram todos revestidos dessa missão educativa, propondo-se divulgar conhecimentos, a fim de emancipar os indivíduos para o exercício do ideal humanitário e pacifista. Tratava-se de implementar (como no caso dos anarquistas) e desenvolver formas alternativas de saber e cultura que proporcionassem meios e informações, para que os subalternos resistissem à dominação e satisfizessem suas necessidades culturais. Colaboradora de jornais anarquistas e do teatro social, Maria Lacerda de Moura identificava-se com os explorados, denunciava as práticas pelas quais os exploradores mantinham o saber e o poder sobre a mulher e a criança, adotando o discurso e a prática pedagógica dos anarquistas.

A partir de 1926 passou a viver numa chácara, em Guararema, sua experiência mais radical. Tratava-se de uma colônia formada por objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, de origem italiana, espanhola e francesa que tinham se reunido à beira do Rio Paraíba, pretendendo viver em liberdade e sem hierarquias (tanto entre trabalho manual e intelectual, como entre homens e mulheres), exercendo um pacifismo ativo, ao se oporem a todas as formas de violência - do serviço militar à guerra.

Maria Lacerda pôs em prática a sua modalidade de educação racionalista

com os companheiros e seus filhos. O convívio com a população rural daquela região economicamente decadente alterou as idéias de Maria Lacerda sobre o homem do povo, des cobrindo no que considerava apatia e superstição (de acordo com o primeiro Jeca-Tatu de Lobato) uma cultura do oprimido cujos únicos recursos eram constituídos pela resis tência à eficiente disciplina imposta pelo poder do capitalismo, a partir dos grandes centros urbanos.

Quase desconhecida, a colônia de Guararema pretendeu realizar a utopia da fraternidade entre individualistas. Ela aparece registrada no opúsculo do anarquis ta Émile Armand - Milieux de vie en commun et "collonies" e pereceu definitivamente sob a repressão desencadeada por Getúlio Vargas, em 1935. Prisões e deportações dis persaram os participantes estrangeiros e Maria Lacerda, após ter se escondido por muito tempo, voltou a Barbacena, para tentar viver de novo como professora de prepara tórios para ginásio.

De 1939 a 1945, coincidindo com o último período de sua vida, recolheu se a um silêncio correspondente à crença de que cada um só pode descobrir a sua verda de - talvez uma negação parcial do processo educativo que cultivou pela vida toda. As pectos da forma utilizada em seus escritos acompanharam as oscilações parciais e glo bais do pensamento da educadora. Enquanto acreditou na ciência, como fonte das verda des, em benefício coletivo e em sua missão educativa, os artigos, livros e conferên cias, sempre com eloquência panfletária, conservaram um encadeamento lógico de idéias. À medida que, sob a inspiração crescente de Tolstoi, Gandhi e do individualista fran cês Han Ryner, passou a denunciar os perigos da "ciência sem consciência", cujas des cobertas açambarcadas pelos interesses industriais iriam ampliar as conquistas béli cas, voltou-se para a natureza e para o autoconhecimento, como fonte de sabedoria. Os textos vão tomando a forma de parábolas, alegorias e preceitos.

Tanto nos textos reproduzidos neste artigo, quanto em sua sistematiza ção, é possível apreender as convergências do discurso anarquista e o de Maria Lacer da de Moura. Essa convergência ultrapassou circunstâncias históricas, que são frequen temente esquecidas ou relegadas ao esquecimento pela imposição do processo histórico dos detentores do poder.

Todavia, apesar delas, ou complementarmente a elas, toda uma concepção de tempo cíclico, ligada à natureza e ampliada pelo misticismo, acabou por se interca lar a um tempo linear, que correspondia à lógica da ciência e do desenvolvimento capi talista, reforçando o distanciamento entre o discurso de Maria Lacerda de Moura e o de seus aliados anarquistas, como também a distanciara, em outros momentos, das asso ciações feministas, da família, dos demais ativistas políticos de São Paulo e do Rio de Janeiro, e de algumas associações espiritualistas, com que vinha se aliando e rom pendo desde 1919.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO LEÃO, A. Os deveres das novas gerações brasileiras. Rio de Janeiro, S/c/e, 1922.

CATALO, Pedro. "Ainda o último livro de D. Maria Lacerda de Moura, in A Plebe Nova Fase 12.10.35, p.3.

LACERDA DE MOURA, Maria.

Renovação. Belo Horizonte, Tip. Athene, 1919.

A Mulher Hedionda e o seu papel na Sociedade Atual e na formação da Civilização futura. Santos, Estado de S. Paulo, 1923.

Renascença (SP) 3 3/4/1923 p.9

A Mulher é uma Degenerada? São Paulo, Tip. Paulista, 1924.

Lições de Pedagogia. São Paulo, Tip. Paulista, 1925.

Civilização -- tronco de escravos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1931.

Amor e ... não vos multipliqueis. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.

Fascismo -- filho dileto da Igreja e do Capital. São Paulo, Tip. Paulista, s/d.

MOREIRA LEITE, M.L. Caminhos de Maria Lacerda de Moura (Contribuição à história do feminismo no Brasil). São Paulo, tese de doutorado USP, 1983.

SALGUEIRO, Osvaldo. "Crítica e Doutrina -- Fascismo -- filho dileto da Igreja e do Capital" in A Plebe. Nova fase 19/9/1935 p.4

SILVA, Isabel "Ponderando..." in A Plebe. 4/9/1923 p.2; 27/9/1923 p.3 e 10/10/1923. p.2